

Residência Criativa: tradução de poemas de Hilda Hilst na Casa do Sol

Dinaura M. Julles

Resumo: Em uma residência criativa na Casa do Sol – Instituto Hilda Hilst, em Campinas – SP, foram traduzidos os dois primeiros livros do conjunto chamado “Do Desejo”: o primeiro, homônimo do conjunto, e o segundo, “Da noite”, constantes do livro publicado pela Editora Globo em 2001. São detalhadas algumas escolhas entre as possibilidades de vocabulário e os critérios que as nortearam, a opção pela manutenção da forma, considerando a ligação intrínseca entre os dois poemas. Por limitação de espaço, apenas a tradução de “Do Desejo” é apresentada nesta publicação. O fato de fazer a tradução na casa de Hilda Hilst, no ambiente em que ela vivia, entre os seus objetos preservados, exerceu influência significativa no resultado dos poemas traduzidos.

Palavras chave: *Hilda Hilst, tradução, residência criativa.*

Em um país como o Brasil, em que a poesia nem sempre conta com a devida valorização e divulgação, foi uma surpresa descobrir que o Instituto Hilda Hilst oferece residências criativas para tradução na Casa do Sol, em Campinas, São Paulo, entre outras oportunidades. Ao visitar o site <http://www.hildahilst.com.br/>, minha intenção era apenas verificar as novidades em publicações da poetisa que admiro desde a juventude.

A segunda foi receber um email com a aceitação do projeto de tradução dos dois primeiros livros do conjunto chamado “Do Desejo”: o primeiro, homônimo do conjunto, e o segundo, “Da noite”.

A ideia inicial era traduzir apenas “Do Desejo”, mas os dois livros estão intrinsecamente vinculados pela conformação e pela temática dos poemas. “Da noite” espelha a estrutura de “Do desejo”, já que ambos são compostos em 10 cantos, mas nesse espelhamento encontra-se a ampliação do significado, já que

a “noite” citada no canto V – bem no meio – do primeiro livro desdobra-se no título e tema do segundo livro.

Pela relevância, pela originalidade e transgressão que os livros representam, acreditei que eles mereciam mais do que se desdobrar. Mereciam ecoar na língua inglesa.

Com uma mala para alguns dias e comida vegetariana a tiracolo, parti, em janeiro do ano passado, para a Casa do Sol, construída pela poetisa em 1975 e tombada pelo patrimônio histórico em 2011. Localizada em uma área de dez mil metros quadrados entre jardins e quintal, a Casa é mantida pelo Instituto Hilda Hilst. Um paraíso bucólico em meio a um bairro residencial razoavelmente afastado da cidade de Campinas.

A terceira surpresa foi a recepção gentil e calorosa de Olga Bilenki, pintora, uma das coordenadoras de projetos de artes visuais e administradora da Casa do Sol. E o mais importante: amiga de Hilda Hilst e residente de longa data na Casa, conhecedora da pessoa, da obra, das histórias, da residência e do complexo universo da poetisa.

Na chegada, fui recebida com um almoço saboroso e apresentada à Casa do Sol. Os dormitórios destinados aos residentes estavam sendo preparados para uma reforma, e por isso eu ficaria alojada na residência principal.

Um dos pressupostos da residência é participar da rotina da casa, residir de fato, não ser um hóspede. Assim, havia o compromisso de comportar-se como um dos habitantes, assumir as pequenas tarefas de cuidados com a casa e pertences pessoais, mas nenhuma rotina estabelecida.

Dediquei a maior parte do tempo à pesquisa e ao exercício de tradução propriamente ditas, entremeadas por visitas a outros locais da Casa e passeios pelo quintal e jardim. Os cômodos, a biblioteca, o escritório e os objetos de Hilda Hilst e da Casa do Sol estavam abertos e acessíveis, em uma atmosfera de liberdade e confiança.

Era frequente ver “materializado” algum aspecto dos poemas, como as avencas que realmente vicejam no terraço central, o jardim aqui ao lado, as máscaras e os tapetes antigos que adornam as paredes, os espelhos.

As humanas ladraduras são ecos dos latidos dos cachorros, uma das paixões de Hilda Hilst. Agora são dez cães mansos e sociáveis que moram e transitam pela Casa, mas que já foram uma centena na década 1970.

A sensação é de transitar entre a poesia no papel e os elementos da poesia que se concretizam na Casa do Sol. A impressão é que a tradução, mais do que

verter palavras, deveria transpor essas realidades palpáveis, visíveis e audíveis para língua de chegada.

Não havia outros residentes na Casa no período em que lá estive. Havia muito tempo de silêncio e contemplação, inspiradores para o entendimento dos poemas e da própria Casa, que foi concebida por Hilda Hilst para ser um espaço de residência, criação e inspiração artística e hospedou diversos escritores e artistas durante vários anos.

Olga Bilenki descreveu, em proveitosas conversas, durante as refeições ou enquanto ela pintava no pátio central da Casa, a efervescência dessa época de residência, da convivência com Hilda Hilst, do casamento como escultor Dante Casarini, da amizade da vida toda com Jose Luis Mora Fuentes, idealizador do Instituto Hilda Hilst. Foram relatos esclarecedores para a percepção de como esse acervo de vivências da poetisa alimentaram sua obra, que, além da poesia dedicou-se à ficção e à dramaturgia.

Esse quadro mais amplo, visto “por alguém de dentro”, foi inspirador para a tarefa de traduzir os poemas, “Do Desejo” e “Da Noite”. Nesta publicação, por limitação de espaço, apenas “Desire” está sendo apresentado e comentado.

DO DESEJO

(Hilda Hilst)

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
 Antes, o cotidiano era um pensar alturas
 Buscando Aquele Outro decantado
 Surdo à minha humana ladradura.
 Visgo e suor, pois nunca se faziam.
 Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
 Tomas-me o corpo. E que descanso me dá
 Depois das lidas. Sonhei penhascos
 Quando havia o jardim aqui ao lado.
 Pensei subidas onde não havia rastros.
 Extasiada, fodo contigo
 Ao invés de ganir diante do Nada.

DESIRE

(translated by Dinaura M. Julles)

I

As there is desire within me, everything is sparkle.
 Before, daily life was thinking heights
 Searching for That Decanted Other
 Deaf to my human barking.
 Gum and sweat, they were never made.
 Today, in flesh and blood, laborious, lascivious
 You take my body. And what repose you give me
 After the chores. I dreamed of cliffs
 When there was a garden by my side.
 I thought of slopes where there were no paths.
 Enraptured, I fuck you
 Instead of howling before the Nothingness.

II

Ver-te. Toçar-te. Que fulgor de máscaras.
 Que desenhos e rictus na tua cara
 Como os frisos veementes de tapetes antigos.
 Que sombrio te tornas se repito
 O sinuoso caminho que persigo: um desejo
 Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.
 E que escuro me faço se abocanhas de mim
 Palavras e resíduos. Me vêm fomes
 Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas
 Facas, tempestade. Ver-te. Toçar-te.
 Cordura.
 Crueldade.

II

See you. Touch you. What a fulgor of masks.
 What drawings and rictus on your face
 Like the vehement borders of old rugs.
 How shadowy you become if I repeat
 The sinuous path that I pursue: a desire
 Without owner, adoring you lively but freely.
 And how dark I become if you bite off from me
 Words and wastes. They come to me: hungers,
 Thick agonies, blurred moons
 Knives, storms. To see you. To touch you.
 Caution.
 Cruelty.

III

Colada à tua boca a minha desordem.
 O meu vasto querer.
 O impossível se fazendo ordem.
 Colada à tua boca, mas descomedida
 Árdua
 Construtor de ilusões examino-te sôfrega
 Como se fosses morrer colado à minha boca
 Como se fosse nascer
 E tu fosses o dia magnânimo
 E te sorvo extremada à luz do amanhecer.

III

Glued to your mouth my disorder.
 My vast wish.
 The impossible making itself order.
 Glued to your mouth, but immoderate
 Arduous
 Builder of illusions, I voraciously examine you
 As if you were going to die glued to my mouth
 As if to be borne you might
 And you were the magnanimous day
 And I sip you to extremes in the dawn light.

IV

Se eu disser que vi um pássaro
 Sobre o teu sexo, deverias crer?
 E se não for verdade, em nada mudará o Universo.
 Se eu disser que o desejo é Eternidade
 Porque o instante arde interminável
 Deverias crer? E se não for verdade

IV

If I say that I saw a bird
 On your sex, should you believe?
 If it is not true, nothing will change in the Universe.
 If I say that desire is Eternity
 Because the instant burns interminable
 Should you believe? And if it is not reality

Tantos o disseram que talvez possa ser.
 No desejo nos vêm sofomanias, adornos
 Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro
 Voando sobre o Tejo. Por que não posso
 Pontilhar de inocência e poesia
 Ossos, sangue, carne, o agora
 E tudo isso em nós que se fará disforme?

So many have said this that it may be so.
 In desire come sophomanias, adornments
 Impudence, temerity. And now I say there is a bird
 Flying over the Tagus. Why can't I
 Sprinkle with innocence and poetry
 Bones, blood, flesh, the now
 And all this that will become deformed on us?

V

Existe a noite, e existe o breu.
 Noite é o velado coração de Deus
 Esse que por pudor não mais procuro.
 Breu é quando tu te afastas ou dizes
 Que viajas, e um sol de gelo
 Petrifica-me a cara e desobriga-me
 De fidelidade e de conjura. O desejo
 Este da carne, a mim não me faz medo.
 Assim como me veio, também não me avassala.
 Sabes por quê? Lutei com Aquele.
 E dele também não fui lacaia.

V

There is the night, and there is the pitch black.
 Night is the hidden heart of God
 The one that for shyness I don't seek anymore.
 Pitch black is when you go away or say
 That you will travel, and a sun of ice
 Petrifies my face and releases me
 From loyalty and adjuration. Desire,
 This of flesh, does not scare me.
 As it came to me, it does not vassalize me.
 Do you know why? I fought with That One.
 And I did not become his servant.

VI

Aquele Outro não via minha muita amplitude.
 Nada LHE bastava. Nem ígneas cantigas.
 E agora vã, te pareço soberba, magnífica
 E fodes como quem morre a última conquista
 E ardes como desejei arder de santidade.
 (E há luz na tua carne e tu palpitas.)

VI

That Other did not see my great breadth.
 Nothing sufficed HIM. Not even igneous songs.
 And now vain, to you I look splendid, magnificent
 And you fuck as the one who dies the last conquest
 And you burn as I wanted to burn in holiness.
 (And there is light in your flesh and you pulse.)

Ah, por que me vejo vasta e inflexível
 Desejando em desejo vizinhante
 De uma Fome irada e obsessiva?

Ah, why do I see me vast and inflexible
 Desiring in a neighboring desire
 Of an enraged obsessive Hunger?

VII

Lembra-te que há um querer doloroso
 E de fastio a que chamam de amor.
 E outro de tulipas e de espelhos
 Licencioso, indigno, a que chamam desejo.
 Não caminhar um descaminho, um arrastar-se
 Em direção aos ventos, aos açoites
 E um único extraordinário turbilhão.
 Por que me queres sempre nos espelhos
 Naquele descaminhar, no pó dos impossíveis
 Se só me quero viva nas tuas veias?

VIII

Se te ausentas há paredes em mim.
 Friez de ruas duras
 E um desvanecimento trêmulo de avencas.
 Então me amas ? te pões a perguntar.
 E eu repito que há paredes, friez
 Há molimentos, e nem por isso há chama.
 DESEJO é um Todo lustroso de carícias.
 Uma boca sem forma, um Caracol de Fogo.
 DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue
 E outra com a ferocidade de Um só Amante.
 DESEJO é o Outro. Voragem que me habita.

IX

E por que haverias de querer minha alma
 Na tua cama?
 Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas
 Obscenas, porque era assim que gostávamos.
 Mas não menti gozo prazer lascívia
 Nem omiti que a alma está além, buscando

VII

Remember that there is a painful wish
 And ennui that is called love.
 And another one of tulips and mirrors
 Licentious, unworthy, called desire.
 Not going astray, and dragging
 Towards the winds, the lashes
 And only one extraordinary whirlpool.
 Why do you always want me in the mirrors
 In that straying, in the dust of impossibilities
 If I just want to be alive in your veins?

VIII

If you are absent there are walls in me.
 Chill of stiff streets
 And a trembling vanishing of the maidenhair.
 So you do love me? you ask.
 And I repeat that there are walls, chill
 There are endeavors, yet there is no flame.
 DESIRE is a lustrous Whole of caresses.
 A shapeless mouth, a Fire Spiral.
 DESIRE is a word with the liveliness of blood
 And another one with the ferocity of only One Lover.
 DESIRE is the Other. A vortex that inhabits me.

IX

And why would you want my soul
 In your bed?
 Liquid, delightful, harsh, obscene words
 Were said, because that was how we liked.
 But I didn't lie climax pleasure lust
 Nor omitted that the soul is beyond, seeking

Aquele Outro. E te repito: por que haverias
De querer minha alma na tua cama?
Jubila-te da memória de coitos e de acertos.
Ou tentame de novo. Obriga-me.

That Other. And I repeat: why would you
Want my soul in your bed?
Rejoice at the memory of intercourses and hits.
Or tempt me again. Oblige me.

X

Pulsas como se fossem de carne as borboletas.
E o que vem a ser isso? perguntas.
Digo que assim há de começar o meu poema.
Então te queixas que nunca estou contigo
Que de improviso lanço versos ao ar
Ou falo de pinheiros escoceses, aqueles
Que apetecia a Talleyand cuidar.
Ou ainda quando grito ou desfaleço
Adivinhas sorrisos, códigos, conluios
Dizes que os deve ter nos meus avessos.

X

You pulse as if the butterflies were of flesh.
And what is this about? you ask.
I tell you that this is how my poem should start.
Then you complain that I am never with you
That improvising I throw verses in the air
Or that I talk about scots pines, those
Talleyrand enjoyed taking care of.
Or even when I cry or faint
You guess smiles, codes, collusions
You say I probably have them in my reverses.

Pois pode ser.
Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo.
Pensá-lo é gozo. Então não sabes?

INCORPÓREO

É O DESEJO.

It is possible.
To think the Other, I hallucinate or versify.
To think of him is a climax. Don't you know?

UNBODIED

IS DESIRE.

Comentários às traduções de Do Desejo (Desire)

Segundo Mario Laranjeira (2003, p. 15), “etimologicamente, traduzir (do latim *trans* + *ducere*) significa *levar através de*. Ora, o verbo *levar* (*duco*) é essencialmente transitivo; portanto, a primeira pergunta a responder é: O que se leva? Informação? Emoção? Imagem?” Depende do que será traduzido. Como Victor Hugo afirma (2003, p. 46) que a poesia “é aquilo que existe de íntimo em tudo”, a tradução de poesia é levar a intimidade do trabalho do poeta ao leitor.

Talvez ninguém tenha tratado melhor da própria intimidade na forma intimista da poesia do que Hilda Hilst. A tradução da sua poesia consiste em desnudar o original em língua portuguesa para o leitor de língua inglesa, levando até ele as informações, as emoções e as imagens de *Do Desejo*.

Disse Pound, citado por Mário Laranjeira à página 118 de *Poética da Tradução*: “Penso que existe um conteúdo “fluido”, assim como um conteúdo “sólido”; que certos poemas podem ter uma forma, tal como as árvores a têm, enquanto a de outros seria como a da água despejada num vaso”. Os poemas de Hilda Hilst têm tanto a solidez das árvores, na forma e estrutura, quanto a fluidez das águas que ela mesma cita em seus versos. Assim, como foram mantidas a estruturas em dez cantos do poema, a atenção foi para a escolha do vocabulário que levaria *Do Desejo* até *Desire* com a aproximação possível à sofisticação da linguagem do original.

Do Desejo

No canto I, “visgo”, segundo o Dicionário Informal “é uma substância retirada de uma árvore que levada ao fogo e obtento temperatura alta torna-se um material pastoso e pegante; os índios caçavam pássaros com esse material”, e significa também um arbusto que possui uma resina viscosa (chamaecrista hispídula), que não será considerado neste caso. Assim, no sentido da substância, as possibilidades eram *birdlime* ou *bird lime* (substância adesiva usada para caçar pássaros) e *gum* (substância pegajosa encontrada nos troncos de algumas árvores), escolhida pela concisão.

No canto II, para “rictus”, que significa expressão em forma de sorriso que aparece em cadáveres; boca semiaberta, o dicionário Merriam-Webster registra a mesma palavra: **“rictus”**: New Latin, from Latin: *open mouth*, from *ringi*: *to open the mouth*. Como a palavra latina tem o mesmo significado dicionarizado em Português e Inglês, sua manutenção pareceu a melhor opção, em respeito à escolha da autora.

No mesmo canto, “vívido mas livre”, sequência de dois adjetivos, teve o paralelismo rompido na tradução “*lively but freely*”, na qual o adjetivo é seguido por advérbio, para melhor sonoridade, já que “as agramaticalidades são um indício visível de que o texto deve ser entendido em outro nível.” (2003, p. 85).

Ainda no canto II, “cordura” e significa prudência, sensatez, e cujas possibilidades para tradução eram “*prudence; caution; mindfulness*”, foi traduzida como “*caution*”, para manutenção da sonoridade das consoantes velares de cordura/crueldade e caution/cruelty.

Para o “impossível” do canto III, verbete ainda não incluído nos dicionários de Português do Brasil, está assim definido no <http://dicionarioportugues.org/pt/impossivel>: “A definição de impossível no **dicionário de Português** é pouco usual. Que não pode ser compatível; que não entra em acordo

com; inconciliável”, há “impossible” no Oxford Philosophy Dictionary, com significado de “*mutually exclusive*”, e no Webster’s, definido como “*Not capable of joint existence; incompatible; inconsistent*”. A semelhança da sonoridade e o mesmo número de sílabas do vocábulo original favoreceram a escolha.

Não são numerosas, e, portanto, são relevantes, as ocorrências de rimas nestes poemas de Hilda Hilst, como no oitavo e décimo versos deste canto: “como se fosse nascer... à luz do amanhecer”. Para refleti-la, a opção foi por uma agramaticalidade, i.e., deslocar o auxiliar “*might*” para o final do verso: “*As if to be born you might*”, *in the dawn light*.”

Aparentes desafios no canto IV, como “sofomania”, mania de se passar por sábio, encontram soluções bastante próximas como “sophomania”, com o mesmo sentido, “*unrealistic belief in one’s own intelligence; delusion of superintelligence*”, verificado em dictionary.com. Desafio real é a rima pejo/Tejo. Diante da impossibilidade de reproduzi-la, a opção foi inverter a sequência “Impudência, pejo” para “*Modesty, temerity* (respectivamente “*unwillingness to show your body or do anything that may attract sexual interest*”, e “*when someone says or does something in a way that shows a lack of respect for other people and is likely to offend them*” segundo o Longman Dictionary of Contemporary English)”, para ao menos recuperar o som inicial “t” de *temerity* e Tagus.

No canto VII, “caminhar um descaminho” e “descaminhar” foram resolvidos com “going astray”, no sentido de “*to be lost*” and “*straying*” *to stray: to move away from the place you should be*”, nas definições do Longman.

O eco das “ruas duras”, como canto VIII, foi solucionado com a escolha do adjetivo “*stiff*”, entre outras possibilidades como “*bard e barsb*”, aproveitando a sonoridade das sibilantes em *stiff* e *street*.

As opções para tradução de “molimento” (dativo. 2ª declinação do Latim – *molimentum*) foram encontradas diretamente no (dicionário Latin/English Glosbe) = *effort, exertion, endeavour, labor*. Ao verificar as definições de cada uma em dicionários monolíngues, o termo escolhido foi “*endeavor*”: *American English formal: an attempt to do something new or difficult* (segundo o Longman), em virtude da intenção de manter o registro mais alto.

O mesmo verso termina com o substantivo “chama”. Bem simples, com diversas alternativas, como “*flame; blaze, fire; light; (fig.) ardour, passion*”, foi traduzido como *flame*, por estar definido como “*literary: a strong feeling*”, de acordo com o Longman, e fazer parte de colocados como *flame of anger/desire/passion etc*.

Observadas essas questões pontuais de escolha de vocabulário, foi preciso lembrar que “se é o poema todo que constitui a unidade de significância, também

será o poema toda a unidade de tradução poética (2003, pág. 84). Assim, terminada a tradução, foi preciso voltar à primeira linha do primeiro canto do primeiro poema e rever tudo do ponto de vista da unicidade, o que exigiu diversos ajustes às tentativas iniciais e resultou nesta tradução.

Por ter sido feito na Casa do Sol, residência de Hilda Hilst, este exercício foi mais do que uma atividade intelectual. Foi um profundo mergulho. Mergulho nos quadros de Olga Bilenky, pintora e inspirada anfitriã; no universo da poetisa com os cachorros, altares, livros, nesse mundo meio terra e meio magia, em que habitam desde as avencas de *Do Desejo* até figueira ancestrais.

O erotismo “*Do Desejo*” está nas sutilezas dos detalhes da Casa do Sol, nos reflexos dos espelhos, nos olhares vivos das fotografias, nos movimentos implícitos das mandalas. Mais que uma residência, uma profunda experiência. A tradução dos poemas, objetivo principal, acabou sendo uma consequência. Que ela ecoe e reverbere em outras línguas e “que venham a enriquecer a cultura onde passam a conviver com todos os outros nela existentes”. (2003; pág. 147).

Dinaura M. Julles

Referências

HILST, Hilda. *Do Desejo*. São Paulo: Globo, 2007.

LARANJEIRA, Mauro. *Poética da Tradução*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2003.

Dicionários

Longman Dictionary of Contemporary English

Logman Dictionary of English Language and Culture

Dicionários Online

www.dicionarioinformal.com.br

www.merriam-webster.com

<http://dicionarioportugues.org>

dictionary.com

Fotos: Cenas da Casa do Sol – Instituto Hilda Hilst – Campinas - SP





[quadro O Mergulho, de Olga Bilenki]



[biblioteca da Hilda Hilst]